

M 586
M 163
CM 25.10.52
Jo 23.8.61
FLU, março 80
B N 247

O TIO

RUBEM BRAGA

O caixão de Ana Maria já está fechado. Agora desceu. Começamos a jogar terra. Um homem faz um inútil discurso. O sol é forte; há flôres, olhos vermelhos, porque estamos enterrando Ana Maria.

Quando a terra começa a cobrir o caixão, alguém se aproxima da cova, empurrando as pessoas do grupo, abrindo caminho. É o tio Manoel Pedro. Ele soube da notícia lá no sítio, montou no cavalo, veio. Veio de botas, com seus grandes bigodes grisalhos. Tem a testa suada, os cabelos suados, traz o chapéu e uma chibata na mão. Andou cinco léguas a cavalo e, quando chega, o entêrro já está no fim. Muito alto, êle foi empurrando os que choravam à beira do túmulo. Parecia alguém que viesse fazer uma coisa determinada, tomar uma providência, uma pessoa que está com pressa e por isso empurra quase bru-

talmente os outros, sem dizer palavra. À beira da cova êle fica em silêncio, olhando. Olha como se estivesse completamente sòzinho. Não cumprimenta, não dá sequer um olhar a ninguém. É um homem rude, quase feroz: sente-se que a morte de Ana Maria lhe causa uma espécie de indignação; êle tem o ar de quem vem impedir que se faça alguma coisa, ou dar um castigo exemplar ao malfeitor. Por um instante, todos o olhamos, algumas pessoas sussurram baixo o seu nome: Manoel Pedro.

De repente êle diz: "Eu ainda queria ver Ana Maria, eu ainda queria ver Ana Maria!" Sua voz é grossa e rouca. Um soluço rebenta de seu peito. Afasta-se; vejo-o descer entre os túmulos, chegar à porta do cemitério, montar no seu cavalo e partir.

Foi a última vez que veio à cidade.

M 586 13-7-63

168